

ENTREVISTA
COM O
VAMPIRO



ANNE RICE

Tradução de Clarice Lispector

ROCCO

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Primeira parte

Segunda parte

Terceira parte

Quarta parte

Créditos

A Autora

PRIMEIRA PARTE



— **C**ompreendo...
Disse o vampiro, pensativo, caminhando lentamente pela sala até a janela. Durante muito tempo, permaneceu de pé em frente à luz fraca e à torrente de tráfego da Rua Divisadero. Agora o rapaz conseguiu ver os móveis da sala mais claramente, a mesa de carvalho redonda, as cadeiras. Numa das paredes, uma bacia pendia sob um espelho. Apoiou a maleta na mesa e esperou.

— Qual a quantidade de fita que você trouxe? — perguntou o vampiro, virando-se agora de modo que o menino pudesse ver seu perfil. — O suficiente para registrar a história de uma vida?

— Certamente, se for uma vida movimentada. Às vezes chego a entrevistar três ou quatro pessoas, numa noite de sorte. Mas tem de ser uma boa história.

— É claro — respondeu o vampiro. — Então, gostaria de lhe contar a história de minha vida. Gostaria muitíssimo de fazê-lo.

— Ótimo — disse o jovem. E tirou rapidamente o pequeno gravador da maleta, testando a fita e as pilhas. — Estou realmente ansioso por saber por que você acredita nisso, por que...

— Não — disse o vampiro ríspidamente. — Não podemos começar desse jeito. Seu equipamento já está pronto?

— Está.

— Então sente-se. Vou acender a lâmpada.

— Pensei que os vampiros não gostassem de luz — comentou o rapaz. — Mas caso ache que a escuridão pode ajudar a criar uma atmosfera...

Então, parou de falar. O vampiro o observava de costas para a janela. O rapaz não conseguia tirar nenhuma informação daquela expressão, mas, ainda assim, havia algo no vulto quieto que o perturbava. Começou novamente a tentar falar, mas não disse nada. E então viu, com alívio, que o vampiro se dirigia à

mesa e apertava o interruptor.

A sala foi imediatamente invadida por uma desagradável luz amarela. E o rapaz, fitando o vampiro, não pôde deixar de engolir em seco. Seus dedos bailaram novamente pela mesa agarrando a borda.

– Meu Deus! – murmurou, fitando, sem voz, o vampiro.

O vampiro era incrivelmente branco e suave, como se tivesse sido esculpido em osso descorado. Seu rosto parecia tão - inanimado quanto uma estátua, exceto pelos dois olhos verdes e brilhantes que examinavam o rapaz atentamente, como se fossem chamas saindo de um crânio. O vampiro sorriu, quase melancolicamente, e a substância branca e macia de seu rosto se moveu como as linhas infinitamente flexíveis, mas mínimas, de um desenho animado.

– Compreende? – perguntou suavemente.

O rapaz estremeceu, levantando a mão como se quisesse se proteger de uma luz poderosa. Seus olhos passearam lentamente pelo paletó preto, de bom corte, que tinha somente vislumbrado no bar, as longas dobras da capa, o lenço de seda negra amarrado no pescoço e o brilho do colarinho branco, tão branco quanto a carne do vampiro. Fitou, espantado, seu cabelo cheio e negro, as ondas cuidadosamente penteadas para encobrir a ponta das orelhas, os cachos que mal tocavam a borda do colarinho branco.

– Agora, ainda quer a entrevista? – perguntou o vampiro.

A boca do rapaz ficou aberta, sem emitir nenhum som. Balançava a cabeça. Depois disse:

– Quero.

O vampiro se sentou à sua frente e, inclinando-se, disse calma e confidencialmente:

– Não tenha medo. Simplesmente ligue o gravador.

E, então, se estendeu sobre a mesa. O rapaz se encolheu, com o suor descendo por sua face. O vampiro pousou pesadamente a mão sobre o ombro do rapaz e disse:

– Acredite-me, não lhe farei mal. Quero esta oportunidade. É mais importante para mim do que pode lhe parecer agora. Quero que comece.

Retirou a mão e se sentou calmamente, esperando.

O rapaz precisou de algum tempo para enxugar a testa e os lábios com um lenço, verificar se o microfone estava ligado, - apertar o botão e dizer que o aparelho estava funcionando.

– Você não foi sempre vampiro, não é?

– Não – respondeu o vampiro. – Era um homem de 25 anos quando me tornei um vampiro, no ano de 1791.

O rapaz se espantou com a precisão da data e repetiu-a antes de perguntar:

– Como aconteceu?

– Há uma resposta muito simples. Mas não acredito que queira dar respostas simples. Acho que desejo contar a verdadeira história...

– Sim – disse o jovem rapidamente. Dobrava e redobrava o lenço, passando-o constantemente sobre os lábios.

– Aconteceu uma tragédia – começou o vampiro. – Foi com meu irmão mais novo... Ele morreu.

Então o vampiro parou, de modo que o rapaz pigarreou e enxugou o rosto novamente antes de enfiar o lenço, quase impacientemente, no bolso.

– Isto é doloroso para você? – perguntou timidamente.

– Parece ser? – perguntou o vampiro. – Não.

Balançou a cabeça.

– É que só contei esta história a uma outra pessoa. E foi há muito tempo. Não, não me é doloroso...

– Na época, morávamos na Louisiana. Tínhamos recebido terras do governo e iniciamos duas plantações de índigo no Mississippi, muito próximo de Nova Orleans...

– Ah, é este o sotaque... – disse o rapaz em voz baixa.

Por um instante, o vampiro fitou-o inexpressivamente.

– Tenho sotaque? – começou a rir.

E o jovem, desconcertado, respondeu rapidamente:

– Reparei no bar, quando lhe perguntei como ganhava a vida. É somente uma leve acentuação das consoantes, só isso. Nunca suspeitaria de que fosse francês.

– Está certo – assegurou-lhe o vampiro. – Não estou tão chocado quanto pode parecer. Só que, de vez em quando, me esqueço. Mas deixe-me continuar...

– Por favor...

– Falava sobre as plantações. Na verdade, têm muita relação com o fato de ter-me tornado um vampiro. Mas chegaremos lá. Levávamos uma vida simultaneamente luxuosa e primitiva. E nós próprios a achávamos muito atraente. Compreenda, vivíamos muito melhor do que jamais teríamos vivido na França. Talvez a completa solidão da Louisiana nos fizesse pensar assim, mas, uma vez formada esta impressão, ela passou a ser verdadeira. Lembro-me dos móveis importados que atravancavam a casa.

O vampiro sorriu.

– E o cravo. Era adorável. Minha irmã costumava tocar. Nas tardes de verão, sentava-se em frente ao teclado, de costas para as janelas francesas abertas. E ainda me lembro da música, suave e rápida, e da visão do brejo estendendo-se atrás dela, dos ciprestes cobertos de trepadeiras se elevando de encontro ao céu. E havia os sons do pântano, um coral de criaturas, o grito dos pássaros. Acho que amávamos aquilo. Tornava os móveis de pau-rosa ainda mais preciosos, a música ainda mais delicada e encantadora. Mesmo quando as glicínias arrebentaram as janelas do sótão e estenderam suas gavinhas até os tijolos brancos, em menos de um ano... Sim, nós o amávamos. Todos, a não ser meu irmão. Acho que nunca o vi reclamar de nada, mas sabia como ele se sentia. Na época, meu pai já havia morrido e eu tinha me tornado o chefe da casa, tendo de defendê-lo constantemente de minha mãe e de minha irmã. Queriam que as levasse a visitas e às festas de Nova Orleans, mas ele odiava estas coisas. Acho que

parou de acompanhá-las antes dos 12 anos. As orações eram seu único interesse. Orações e a vida ascética dos santos.

– Finalmente, construí um oratório para ele, fora da casa, e ali ele começou a passar praticamente o dia todo e, frequentemente, algumas noites. Isto é realmente uma ironia. Ele era tão diferente de nós, tão diferente de todo mundo, e eu era tão comum! Ainda não tinha absolutamente nada de extraordinário.

O vampiro sorriu.

– Às vezes, à tarde, ia à sua procura e o encontrava no jardim, perto do oratório, sentado numa calma absoluta, em um banco de pedra que havia por ali, e lhe contava as dificuldades que tinha com os escravos, como desconfiava do capataz, ou falava sobre o tempo, sobre meus agentes... Falava de todos os problemas que constituíam a matéria e a finalidade de minha existência. E ele ouvia, fazendo poucos comentários, sempre compreensivo, de modo que, quando o deixava, tinha a exata impressão de que havia resolvido tudo para mim. Achava que não podia lhe negar nada e jurei que, apesar de toda a imensa dor por perdê-lo, entraria para o seminário quando chegasse a época. Claro que estava enganado.

O vampiro parou.

Durante algum tempo, o menino simplesmente o fitou e, depois, ele recomeçou, como se tivesse sido afastado de seus pensamentos, gaguejando, como se não conseguisse encontrar as palavras adequadas.

– Ah, ele não queria ser padre? – perguntou o rapaz.

O vampiro o estudou como se tentasse compreender o significado de sua expressão. Então respondeu:

– Quero dizer que estava enganado a meu respeito, a respeito de meu desejo de não lhe negar nada.

Seu olhar atravessou a parede ao longe e se fixou nos vidros da janela.

– Ele começou a ter visões.

– Visões verdadeiras? – perguntou o rapaz, mas hesitando,

como se estivesse pensando em outra coisa.

– Acho que não – respondeu o vampiro. – Começaram quando ele tinha 15 anos. Na época, era um rapaz muito bonito. Tinha a pele mais macia e os maiores olhos azuis que já vi. Era forte, não era frágil como sou agora, e já era, então... Mas seus olhos... Quando olhava dentro de seus olhos, sentia-me como se estivesse sozinho no fim do mundo... numa praia oceânica batida pelos ventos. Sem nada, além do rugido macio das ondas.

– Bem – disse, com o olhar ainda fixo nas janelas. – Ele começou a ter visões. A princípio, não nos disse claramente o que acontecia e simplesmente parou de fazer as refeições conosco. Morava na capela. Podia ser encontrado, a qualquer hora do dia ou da noite, ajoelhado sobre as pedras lisas do altar. E a própria capela foi deixada de lado. Parou de cuidar das velas, de trocar as toalhas do altar e até mesmo de varrer as folhas. Numa noite, fiquei realmente preocupado ao passar uma hora inteira observando-o sem que se levantasse nem relaxasse os braços que mantinha esticados em forma de cruz. Os escravos todos achavam que ele estava louco.

O vampiro ergueu as sobrancelhas, como se meditasse.

– Eu estava convencido de que não passava de excesso de zelo. Em seu amor por Deus, talvez tivesse ido longe demais. Então falou comigo a respeito das visões. Tanto São Domênico quanto a Sagrada Virgem Maria tinham vindo até ele, na capela. Tinham-lhe dito que devia vender nossa propriedade na Louisiana, assim como tudo o que possuísse, e usar o dinheiro para servir a Deus, na França. Meu irmão deveria ser um grande líder religioso, deveria retornar à França, à sua antiga fé, para lutar contra o ateísmo e a Revolução. É claro que não tinha nenhum dinheiro próprio. Eu deveria vender as plantações e nossas próprias casas de Nova Orleans e lhe dar o dinheiro.

O vampiro parou novamente. E o rapaz permaneceu sentado, imóvel, observando-o, espantado.

– Ah... desculpe-me – murmurou. – O que disse? Vendeu as

plantações?

– Não – respondeu o vampiro, com o rosto tão calmo quanto no início. – Ri dele. E ele... ficou enfurecido. Insistiu em que a ordem tinha vindo da própria Virgem. Quem era eu para desrespeitá-la? Quem, na verdade?

O vampiro se fez a última pergunta em voz baixa como se pensasse sobre isto novamente.

– Quem, na verdade? E quanto mais ele tentava me convencer, mais eu ria. Disse que aquilo era absurdo, que era o produto de uma mente imatura e até mesmo mórbida. Disse-lhe que a capela havia sido um erro; iria derrubá-la. Ele iria para a escola em Nova Orleans e tiraria aquelas ideias loucas da cabeça. Não me lembro de tudo que disse. Mas lembro-me da sensação. Por trás de minha peremptória negativa, havia raiva e decepção. Estava profundamente desapontado. Não acreditava absolutamente nele.

– Mas é compreensível – disse o rapaz rapidamente, quando o vampiro parou de falar. Sua expressão de espanto havia se abrandado.

– Quer dizer, será que alguém poderia acreditar nele?

– É assim tão compreensível? – O vampiro olhou para o rapaz.

– Acho que talvez tenha sido um imenso egoísmo. Deixe-me explicar. Amava meu irmão, como já lhe disse, e às vezes acreditava que era um santo em vida. Encorajei-o a rezar e a meditar, como falei, e desejava levá-lo para o seminário. E se alguém tivesse me dito que havia um santo em Arles ou em Lourdes que tinha visões, teria acreditado. Era católico, acreditava em santos. Acendia círios diante de suas estátuas de mármore, colocadas nas igrejas; conhecia suas imagens, seus símbolos, seus nomes. Mas não acreditei, não podia acreditar em meu irmão. Não somente neguei que tivesse visões, como não parei para pensar no assunto por nenhum instante. Bem, e por quê? Porque era meu irmão. Poderia ser religioso, estranho, mas

um Francisco de Assis, não. Não o meu irmão. Nenhum irmão meu poderia ser tal coisa. Isto é egoísmo. Compreende?

O garoto pensou antes de responder e depois balançou a cabeça e disse que sim, ou ao menos pensou tê-lo feito.

– Talvez ele tivesse visões – disse o vampiro.

– Então você... não consegue saber... agora... se ele as tinha ou não?

– Não, mas sei que nunca duvidou desta convicção, nem um segundo sequer. Sei disto agora, e o sabia na noite em que deixou meu quarto, desnortado e entristecido. Jamais vacilou um só instante. E, em poucos minutos, estava morto.

– Como? – perguntou o rapaz.

– Simplesmente atravessou a porta, penetrou na galeria e - parou por um instante no topo da escadaria de tijolos. E então caiu. Estava morto quando cheguei lá embaixo, com o pescoço - quebrado.

O vampiro meneou a cabeça, consternado, mas seu rosto permanecia sereno.

– Viu-o cair? – perguntou o rapaz. – Perdeu o equilíbrio?

– Não, mas dois criados assistiram. Disseram que olhou para cima, exatamente como se tivesse visto algo no ar. Seu corpo todo se inclinou, como se fosse empurrado pelo vento. Um deles disse que, quando caiu, parecia querer dizer alguma coisa. Também pensei que estava prestes a dizer algo, mas nesse momento me afastei da janela. Estava de costas quando ouvi o barulho.

Olhou para o gravador.

– Jamais me perdoarei. Sinto-me responsável por sua morte – disse. – E todos pareceram pensar o mesmo.

– Mas como podiam? Disse que o viram cair.

– Não era uma acusação direta. Simplesmente sabiam que algo desagradável havia acontecido entre nós. Que tínhamos discutido minutos antes da queda. Os criados nos ouviram, minha mãe nos ouviu. Minha mãe não pôde deixar de me per-

guntar o que tinha acontecido e por que meu irmão, que era tão calmo, havia gritado. Então minha irmã chegou, e eu, obviamente, me recusei a responder. Estava tão profundamente chocado e entristecido que não tinha paciência com ninguém, somente uma vaga determinação de que não deveriam saber de suas “visões”. Não deveriam saber que, afinal, não havia se tornado um santo, mas um... fanático. Minha irmã preferiu ficar na cama em lugar de enfrentar o enterro, e minha mãe disse a todos que algo horrível, que eu não queria revelar, havia acontecido em meu quarto. Até a polícia me interrogou, a pedido de minha própria mãe. Finalmente, o padre veio me ver e exigiu saber o que havia se passado. Não disse a ninguém. Falei que tinha sido uma simples discussão. Não estava na galeria quando ele caiu, protestei, e todos me encaravam como se eu o tivesse assassinado. E senti que o tinha feito. Passei dois dias ao lado de seu caixão, pensando: eu o matei. Fitei seu rosto até que manchas aparecessem aos meus olhos e quase desmaiei. A parte posterior de seu crânio tinha se estatelado no chão e sua cabeça tomava uma forma estranha sobre o travesseiro. Obriguei-me a fitá-lo, a observá-lo, simplesmente porque mal podia suportar a dor e o cheiro da decomposição, e por várias e várias vezes tive a tentação de abrir seus olhos. Foram todos maus pensamentos, maus desejos. A ideia principal era esta: eu ri de meu irmão, não acreditei nele, não fui delicado. Ele caiu por minha causa.

– Isto realmente aconteceu, não foi? – sussurrou o jovem. – Está me contando algo... isto é verdade.

– É – disse o vampiro, sem demonstrar surpresa. – Quero continuar a lhe contar.

Mas seu olhar ignorou o menino e se voltou para a janela. Demonstrava pouco interesse pelo rapaz, que parecia ocupado com alguma silenciosa luta interna.

– Mas você disse que não sabia das visões, que você, um vampiro... não tem certeza de que...

– Quero colocar tudo em ordem – disse o vampiro. – Quero

continuar a lhe contar as coisas da forma como aconteceram. Não, não sabia nada a respeito das visões. Até este dia.

Parou novamente de falar, até que o rapaz disse:

– Sim, por favor, por favor, continue.

– Bem, eu quis vender as plantações. Não queria jamais voltar a ver a casa ou a capela. Finalmente, entreguei tudo a uma agência que cultivaria a terra para mim e dirigiria os negócios de modo que nunca mais precisasse voltar lá, e mudei-me, com minha mãe e minha irmã, para uma das casas de Nova Orleans. Claro que em nenhum momento consegui me livrar de meu irmão. Não conseguia pensar em nada além de seu corpo apodrecendo no solo. Estava enterrado no cemitério de St. Louis, em Nova Orleans, e fiz tudo para evitar passar por aqueles portões. Mas, mesmo assim, pensava nele constantemente. Bêbado ou sóbrio, via seu corpo apodrecendo no caixão e não conseguia suportar. Sonhava repetidamente que estava no topo das escadas e que eu segurava seu braço, falando carinhosamente com ele, fazendo-o voltar para o quarto, dizendo-lhe delicadamente que acreditava nele, que precisava rezar para que eu tivesse fé. Enquanto isso, os escravos em Pointe du Lac (era esta minha fazenda) começaram a comentar que haviam visto seu fantasma na galeria, e o capataz não conseguiu mais manter a ordem. Nas reuniões sociais começaram a fazer perguntas ofensivas a minha irmã, a respeito do acidente, e ela ficou histérica. Não era realmente uma histérica. Simplesmente pensou que deveria reagir daquele modo, e assim o fez. Passei a beber o tempo todo e a ficar em casa o mínimo possível. Vivia como um homem que queria morrer, mas não tinha coragem para fazê-lo sozinho. Andei em ruas e vielas escuras, estava sempre em cabarés. Escapei de dois duelos, mais por covardia e apatia, pois na verdade queria ser morto. E, então, fui atacado. Poderia ter sido qualquer um – eu era um convite para marinheiros, ladrões, maníacos, qualquer um. Mas foi um vampiro. Pegou-me a poucos passos da porta de casa, à noite, e me deixou morto, ou

pelo menos foi o que pensei.

– Quer dizer... que ele sugou seu sangue? – perguntou o rapaz.

– Sim. – O vampiro sorriu. – É assim que se faz.

– Mas você sobreviveu – retrucou o rapaz.

– Bem, ele me sugou quase até a morte, o que era suficiente para ele. Assim que me encontraram, levaram-me para a cama, confuso e realmente sem saber o que havia acontecido comigo. Suponho ter pensado que, finalmente, a bebida havia me causado um enfarte. Naquela hora, só esperava morrer e não tinha nenhum interesse em comer, beber ou falar com o médico. Minha mãe chamou o padre. Quando chegou, eu estava com febre e lhe contei tudo a respeito das visões de meu irmão e do que eu havia feito. Lembro-me de ter agarrado seu braço, fazendo-o jurar várias vezes que não contaria nada a ninguém.

– Sei que não o matei – disse finalmente para o padre. – Mas simplesmente, agora que morreu, não posso mais viver. Não depois do modo como o tratei.

– Isto é ridículo – ele me respondeu. – Claro que pode viver. Não há nada de errado contigo, a não ser a falta de autoindulgência. Sua mãe precisa de você, sem falarmos de sua irmã. E quanto a este seu irmão, estava possuído pelo diabo.

– Fiquei tão aturdido quando me disse isso que não pude protestar. O diabo era astucioso. A França inteira estava sob a influência do diabo, e a Revolução havia sido seu maior triunfo. Nada teria salvado meu irmão, a não ser exorcismos, preces e - abstinências, homens que o agarrassem enquanto o demônio se encolerizava em seu corpo e tentava destruí-lo.

– O diabo jogou-o escadas abaixo, é absolutamente óbvio – declarou. – Você não estava falando com seu irmão naquele - quarto. Falava com o demônio.

– Bem, isto me enfureceu. Antes disso, pensava que já tinha testado meus limites, mas não. Continuou falando sobre o demônio, sobre o vodu entre os escravos e sobre casos de possessão em outras partes do mundo. E fiquei furioso. Destrocei

o quarto, numa tentativa de quase o matar.

– Mas, e sua força... O vampiro?... – perguntou o rapaz.

– Estava fora de mim – explicou o vampiro. – Fiz coisas que seria incapaz de fazer se estivesse inteiramente são. Agora a cena me parece confusa, apagada, fantástica. Mas lembro-me de que o joguei pela porta afora, até o pátio, e o empurrei até o muro da cozinha, onde bati sua cabeça até quase matá-lo. Quando, - finalmente, me agarraram, exausto até a morte, me sangraram. Os tolos. Mas ia dizer algo mais. Foi então que me convenci de meu próprio egoísmo. Talvez o tenha visto refletido no padre. Sua atitude intempestiva em relação a meu irmão refletia a minha própria, suas críticas imediatas e ríspidas sobre o diabo, sua recusa em pensar um só instante na ideia de santidade me atingiram.

– Mas ele acreditou que tivesse sido possuído pelo diabo.

– Esta é uma ideia muito mais mundana – disse o vampiro imediatamente. – As pessoas que param de crer em Deus ou na bondade continuam a acreditar no diabo. Não sei por quê. Não, realmente não sei por quê. O mal é sempre possível. E a bondade é eternamente difícil. Mas, precisa compreender, na verdade a possessão é um outro modo de se dizer que alguém está louco. Senti que era isso, no padre. Tenho certeza de que pensou em demência. Talvez tenha pensado exatamente em loucura delirante e tenha pronunciado possessão. Não se precisa ver Satã quando ele é exorcizado. Mas permanecer na presença de um santo... Acreditar que o santo teve uma visão. Não, é egoísmo, nossa recusa em acreditar que pode ocorrer tão próximo de nós.

– Nunca havia pensado nisso – disse o rapaz. – Mas o que aconteceu com você? Diz que o sangraram para curá-lo, e isto deve ter quase causado sua morte.

O vampiro riu:

– Exato. Quase o fez. Mas o vampiro voltou àquela noite. Compreende, ele queria Pointe du Lac, minha fazenda.

– Foi muito tarde, minha irmã tinha pegado no sono. Lembro-

me como se fosse ontem. Veio pelo pátio, abrindo as janelas sem um ruído, um homem alto, de pele delicada, cabelos louros e movimentos graciosos, quase felinos. E, delicadamente, estendeu um xale sobre os olhos de minha irmã e diminuiu a chama da lâmpada. Ela adormeceu ali, ao lado da bacia e da toalha com que tinha umedecido minha testa, e não se moveu até de manhã. Mas, então, eu já estava profundamente transformado.

– Que transformação foi essa?

O vampiro sorriu. Reclinou-se na cadeira e contemplou as paredes.

– A princípio pensei que fosse mais um médico, ou alguém convocado pela família para tentar me convencer. Mas esta suspeita foi logo abandonada. Ele parou perto de minha cama e se inclinou, de modo que seu rosto ficou sob a luz, e vi que não se tratava de um homem comum. Seus olhos cinza ardiam com uma incandescência, e as mãos longas e brancas que pendiam a seu lado não eram as de um ser humano. Acho que compreendi tudo naquele instante, e tudo o que me disse depois seria dispensável. Quero dizer que, no momento em que o vi, percebi sua extraordinária aura e compreendi que se tratava de uma criatura como eu jamais vira, e que eu estava reduzido a nada. Aquele ego que não pôde aceitar a presença de um ser humano extraordinário a seu lado estava esmagado. Todas as minhas concepções, até mesmo minha culpa e minha vontade de morrer pareciam subitamente não ter nenhuma importância. Esqueci-me completamente de mim mesmo!

Ao dizê-lo, o vampiro tocou o peito, silenciosamente, com o punho.

– Esqueci-me totalmente de mim. E, no mesmo instante, compreendi inteiramente o significado do que poderia acontecer. Dali em diante só senti uma crescente curiosidade. Enquanto ele falava comigo e me dizia o que deveria esperar, o que havia sido e ainda era sua vida, meu passado passou inteiro por minha mente. Vi minha vida como se não fizesse parte dela, a vaidade,

o egoísmo, a busca constante de tolas preocupações, as preces a Deus e à Virgem e uma fieira de santos cujos nomes enchiam meus livros de orações, nenhum dos quais fez a menor diferença numa existência mesquinha, materialista e egoísta. Vi meus verdadeiros deuses... os deuses da maioria dos homens. Comida, bebida e segurança no conformismo. Cinzas.

O rosto do rapaz ficava tenso, num misto de confusão e assombro.

– Então decidiu se tornar um vampiro? – perguntou.

O vampiro ficou calado por um momento.

– Decidi. Não parece a palavra exata. Apesar de não poder dizer que, a partir do momento em que ele penetrou naquele quarto, isto tivesse se tornado inevitável. Não, realmente, não era inevitável. Mas não posso dizer que decidi. Deixe-me dizer que, quando terminou seu relato, nenhuma outra decisão me parecia possível e segui meu destino sem olhar para trás. Exceto num momento.

– Exceto num momento? Qual?

– Meu último alvorecer – disse o vampiro. – Naquela manhã, eu ainda não era um vampiro. E vi meu último alvorecer.

– Lembro-me inteiramente dele; apesar de achar que não me lembro de nenhuma alvorada anterior. Lembro-me de que a luz atingiu, primeiro, o alto das janelas, uma sombra por trás das - cortinas de renda, e até então um brilho crescente cada vez mais e mais claro, se recortando por entre as folhas das árvores. Finalmente, o sol atravessou as próprias janelas e a renda se estendeu em sombras sobre o chão de pedra, derramando-se sobre minha irmã, que ainda dormia, sombras de renda sobre o xale que cobria sua cabeça e seus ombros. Assim que sentiu calor, ela empurrou o xale, sem acordar, e então o sol brilhou com toda força sobre seus olhos e ela apertou as pálpebras. Depois reluziu sobre a mesa onde ela apoiava a cabeça e os braços, e cintilou sobre a água da bacia. E pude senti-lo em minhas mãos, sobre a colcha e, finalmente, em meu rosto.

Permaneci na cama, pensando em todas as coisas que o vampiro havia me dito, e foi então que me despedi do nascer do sol e parti, para me tornar um vampiro. Foi... o último alvorecer.

O vampiro olhava pela janela novamente. E quando parou, o silêncio foi tão súbito que o garoto pensou ouvi-lo. Pôde então escutar os barulhos da rua. O ruído de um caminhão era ensurdecedor. A leve corda soava com a vibração. O caminhão se foi.

– Sente saudades? – perguntou, em voz baixa.

– Na verdade, não – disse o vampiro. – Há tantas outras coisas. Mas onde estávamos? Quer saber como foi, como me tornei um vampiro.

– Sim – disse o rapaz. – Como foi a transformação, exatamente?

– Não posso lhe descrever exatamente – disse o vampiro. – Posso lhe falar a respeito, fazê-lo com palavras que deixem evidente o valor que teve para mim. Mas não posso descrever exatamente como foi, assim como não se pode dizer exatamente como é a experiência do sexo a quem nunca passou por ela.

O rapaz pareceu subitamente invadido por uma nova pergunta, mas antes que pudesse falar, o vampiro continuou:

– Como já lhe disse, este vampiro, Lestat, queria a fazenda. Uma razão mundana, certamente, para me garantir uma vida que perdurará até o fim do mundo; mas ele não era uma pessoa preconceituosa. Não considerava a pequena população de vampiros do mundo como, digamos, um clube selecionado. Tinha problemas humanos: um pai cego que não sabia que seu filho era vampiro e não deveria descobrir. Tinha-se tornado muito difícil, para ele, viver em Nova Orleans, considerando-se suas necessidades e a obrigação de cuidar do pai, e ele queria Pointe du Lac.

– Na noite seguinte, fomos diretamente para a fazenda, abrigamos o pai cego no quarto principal e comecei a sofrer a transformação. Não posso dizer exatamente o momento em que

começou, apesar de ter havido um instante, é claro, a partir do qual não podia mais voltar atrás. Mas houve uma sequência variada de atos importantes, sendo o primeiro deles a morte do capataz. Lestat o pegou enquanto dormia. Eu devia observar e aprovar, isto é, ser cúmplice da morte de um ser humano, como prova de meu compromisso e parte de minha transformação. Sem dúvida alguma, esta foi a parte mais difícil. Já lhe disse que não sentia medo de morrer, tinha somente escrúpulos em acabar com minha própria vida. Mas conservava o maior respeito pela vida alheia, e a partir da recente morte de meu irmão, havia tomado verdadeiro horror à morte. Tive de ver o capataz acordar assustado, tentar empurrar Lestat com ambas as mãos, fracassar e ficar deitado ali, lutando sob o abraço de Lestat até, finalmente, tornar-se lívido, inteiramente sem sangue. E morrer. Não morreu logo. Permanecemos em seu pequeno quarto quase uma hora, vendo-o morrer. Parte de minha transformação, como disse. Lestat não permitiria que fosse de outro modo. Depois, precisamos nos livrar do corpo do capataz. Quase vomitei. Ainda fraco e febril, tinha pouca energia, e o fato de manusear o cadáver com tais propósitos me dava náuseas. Lestat ria, dizendo-me calorosamente que, quando me tornasse vampiro, me sentiria tão diferente que também riria. Enganou-se. Nunca ri da morte, apesar da frequência com que eu mesmo a tenha - causado.

– Mas deixe-me colocar as coisas em ordem. Tivemos que subir a estrada que margeava o rio até chegar ao campo aberto, onde deixamos o capataz. Rasgamos seu casaco, roubamos seu dinheiro e manchamos seu lábio com bebida. Conhecia sua esposa, que vivia em Nova Orleans, e imaginava seu desespero no momento em que o corpo fosse encontrado. Mas, além da pena, doía-me saber que jamais descobriria o que aconteceu, que seu marido não tinha sido encontrado bêbado na estrada pelos ladrões. Conforme surrávamos o corpo, ferindo o rosto e os ombros, fui ficando cada vez mais excitado. Claro, você deve

entender que, nesta época, o vampiro Lestat era extraordinário. Não me parecia mais humano do que um anjo bíblico. Mas sob tal pressão meu encantamento se quebrava. Encarava o fato de me tornar um vampiro sob dois aspectos: o primeiro era mero encanto. Lestat me conquistou em meu leito de morte. Mas o outro aspecto era meu próprio desejo de autodestruição. Ansiava por ser intensamente amaldiçoado. Foi por esta porta que Lestat penetrou, em ambas as ocasiões. Naquele momento, eu não destruía a mim mesmo, mas a outrem. O capataz, sua mulher, sua família. Voltei a mim e teria fugido de Lestat, inteiramente insano, se ele não tivesse percebido, com um infalível instinto, o que acontecia. Infalível instinto...

O vampiro pareceu meditar.

– Deixe-me falar sobre o poderoso instinto do vampiro, para quem a mais leve mudança na expressão facial humana é tão perceptível quanto um gesto. Lestat possuía uma sensibilidade sobrenatural. Empurrou-me para a carruagem e tocou os cavalos para casa.

– Quero morrer – comecei a murmurar. – Isto é insuportável. Quero morrer. Você tem o poder de me matar. Deixe-me morrer.

– Recusava-me a olhar para ele, a ser encantado pela doce beleza de seu rosto. Ele repetia meu nome carinhosamente, rindo. Como já disse, pretendia obter a fazenda.

– Mas ele o teria deixado partir? – perguntou o rapaz. – Em quaisquer circunstâncias?

– Não sei. Conhecendo Lestat como conheço, diria que preferiria me matar a me deixar partir. Mas era isto o que queria, compreenda. Não importava. Não, isto era o que eu pensava que queria. Assim que chegamos em casa, saltei da carruagem e saí andando, um zumbi, até as escadas de onde meu irmão tinha caído. A casa estava vazia há meses, já que o capataz tinha seu próprio chalé, e a umidade e o calor da Louisiana já tinham começado a esburacar os degraus. Em cada greta despontava grama e até mesmo pequenas flores silvestres. Lembro-me do